

Camões no cânone escolar. Paradigmas e leituras(s)

Amélia Maria Correia
Universidade de Coimbra
ameliacorreia@gmail.com

Data de receção do artigo: 15-08-2014
Data de aceitação do artigo: 27-03-2015

Resumo

O presente estudo incide na presença e na representatividade da obra de Camões no cânone escolar. Privilegia a análise de instrumentos reguladores das aprendizagens no sistema de ensino em Portugal desde os primeiros anos da segunda metade do século XX até à atualidade. Tem por objetivo aferir os fatores condicionantes da elaboração dos programas e da constituição de *corpora* textuais nos ensinos básico e secundário.

Palavras-chave: Camões – cânone – programas escolares – leitura(s) literária(s).

Abstract

The following study focuses on the presence and the representation of Camões' work in the school canon. It privileges the analysis of the instruments used to regulate the learning system in Portugal from the the second half of the XXth century until today. It also aims to discover the affecting factors of the programs' creation and development as well as the constitution of the textual *corpora* in the basic and secondary school systems.

Keywords: Camões – canon – school programs – literary reading(s).

1. Introdução

O presente estudo privilegia a(s) leitura(s) do poeta Luís de Camões em contextos formais de aprendizagem. Elege como objeto de estudo nuclear instrumentos reguladores das práticas letivas no sistema de ensino em Portugal desde a homologação do Programa Oficial de *Português*, aprovado pelo Decreto 39 807/54, de 7 de setembro, até aos mais recentes documentos vindos a lume em março de 2009 e em janeiro de 2014, introduzindo, respetivamente, alterações nos *corpora* textuais da disciplina em apreço nos ensinos básico e secundário.

Abrangendo, cronologicamente, um período correspondente a seis décadas, estes instrumentos permitirão um esclarecimento adequado sobre políticas e pressupostos educativos que determinam a constituição de um cânone em contexto escolar, a consagração de textos, obras e autores como *clássicos* e/ou os respetivos movimentos de inclusão, exclusão e permanência nesse mesmo cânone. A sua análise tentará *resposta(s)* a questões como as que seguidamente se enunciam: *Que lugar ocupa Camões nos programas escolares? Que representatividade detém a sua obra nos currícula? O que se estuda e como se estuda Camões? Que autores (coevos ou outros) figuram a par com Camões – ilustrando as mesmas categorias genológicas ou em representação de um mesmo enquadramento histórico, periodológico e/ou epocal? Que dimensões da sua obra se privilegiam? Que funções lhe são atribuídas na educação literária dos alunos? Que papel lhe é reconhecido na formação integral de sucessivas gerações de adolescentes e jovens?...*

2. Camões no cânone escolar. Paradigmas e leituras

O Programa Oficial de *Português* do ensino liceal, aprovado pelo Decreto-Lei 39 807/54, de 7 de setembro, prevê «a leitura e o estudo de excertos de *Os Lusíadas*», assim como a análise de «sonetos escolhidos e de uma canção» de Luís de Camões, no elenco de leituras a realizar no 5.º ano. É este um documento exclusivamente centrado em obras representativas da produção literária nos séculos XV e XVI, que determina uma «análise literária elementar, apoiada sobretudo em exercícios de confronto» e a aquisição de «noções muito elementares de bibliografia dos autores estudados» (p.979). Camões integra ainda o *corpus* de leituras constituintes de um primeiro período da época clássica na história da literatura portuguesa a ter lugar no 6.º ano. A sua obra – de novo contemplada nas dimensões lírica e épica – figura no programa para ilustração de «aspectos do Renascimento Português», ao lado de outros autores – Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, António Ferreira e Diogo Bernardes – cujas criações se configuram igualmente representativas de (duas) correntes coexistentes neste período. Assim o mostra o quadro I.

- [...]Coexistência de uma corrente estética medieval subjacente ao classicismo: as quintilhas de Sá de Miranda, as redondilhas de Camões e o teatro de Gil Vicente.

- A corrente clássica e italianizante: a ação inovadora de Sá de Miranda e o magistério literário de António Ferreira. Leitura de alguns sonetos de Sá de Miranda e de Diogo Bernardes. O lirismo camoniano. Criação da epopeia. A tragédia *Castro*.

Visão global da produção literária do século XVI: o teatro, o bucolismo, a epopeia e a historiografia literária (p.980).

Quadro I – Programa *Oficial* de Português do ensino liceal (1954)

Estamos em presença de um conjunto assaz representativo de autores e textos que – não obstante abrangerem diferentes classificações genológicas – se agrupam num mesmo *item* em função de critérios estético-literários, com um mesmo enquadramento histórico e periodológico, tendo por objetivo um «estudo convenientemente graduado da história da literatura portuguesa» (p.980). As leituras em contexto escolar – seja em termos de seriação e arrumação no programa seja em termos de aspetos a privilegiar na lecionação das mesmas – eram então visivelmente conformadas por um *paradigma historicista*. O ensino da literatura cumpria o propósito da educação cívica, configurando-se como um saber patrimonial, um *legado* a transmitir às gerações mais novas, unicamente centrado em autores canónicos já *consagrados* pelo tempo.

Decorridas duas décadas, é publicado o **Programa de Português para os ensinamentos geral e complementar do ensino liceal**, que entra em vigor no ano letivo de **1974-1975**. Introduce alterações na abordagem da(s) leitura(s) em contexto escolar a que não são alheios o desenvolvimento de investigações académicas sobre especificidades do fenómeno literário ou o surgimento (e a afirmação progressiva) de áreas de estudo ou disciplinas de especialização em meios universitários. Desenha-se um elenco de conteúdos com uma configuração e um teor distintos do que era apresentado no programa de 1954 – designadamente, pela intenção de libertar «o estudo da língua dum perspectiva cronológica impositiva, fatigante e revelada ineficaz» e pela organização das leituras «segundo temas [...] abordando textos de diversas épocas literárias quando o assunto o

suscitar» (p.14)¹, nos três anos constituintes do curso geral; pela inclusão de *perspetivas literárias contemporâneas* e pela seriação de aspetos teóricos, antecedendo a apresentação do *corpus* de leituras a trabalhar com os alunos, numa rubrica (inicial) intitulada *introdução ao estudo do texto literário*, nos dois anos constituintes do curso complementar. Camões é estudado no 3.º ano do curso geral, mediante a análise de «textos seletos de *Os Lusíadas*» – que integra o *corpus* destinado a «leitura intensiva», visando o tratamento de «temas relativos à Expressão do Mundo dinamizado pelo Homem (atitude crítica e atuação transformadora)» (p.16); figurará entre os «poetas renascentistas» a estudar no domínio da poesia. Marca também presença no elenco de autores previsto para lecionação no 1.º ano do curso complementar, em representação de um primeiro momento da época clássica, com o estudo da(s) sua(s) obra(s) épica e lírica – à semelhança do que pudemos observar no documento homólogo anterior. Sem deixar de atender a critérios de enquadramento histórico e periodológico e de informação cultural e contextual –, a arrumação dos conteúdos literários destaca agora conceitos respeitantes a classificações genológicas dos textos. Assim, o *Cancioneiro Geral* e *Os Lusíadas* figuram no programa para ilustração da **epopeia**; poesias palacianas, Sá de Miranda e António Ferreira ou textos líricos camonianos estudam-se em sala de aula em representação do **lirismo renascentista**. Com o mesmo enquadramento histórico e periodológico tem lugar uma «breve referência ao lirismo palaciano», mediante a «leitura de poesias significativas de novos temas e formas no *Cancioneiro Geral*» (p.21). Bernardim Ribeiro e Diogo Bernardes deixam de figurar no elenco de leituras obrigatórias. Notamos ainda neste documento a assunção explícita de uma aliança entre a perspectiva diacrónica e a perspectiva sincrónica, «atribuindo prioridade a esta» (p.19), no ensino da literatura. A matriz historicista do programa homologado em 1954 cede lugar a um **paradigma imanentista**, construído em conformidade com as teorias formalistas e estruturalistas dos anos 70 (privilegiando a materialidade dos textos).

Os Programas de *Português* do Curso Complementar de **índole literária e de índole científica** são elaborados na sequência do disposto no **Decreto-Lei 558/76, de 16 de julho**. Determinando a redução do «número de horas letivas semanais para os alunos que se destinam a

¹ São apresentadas obras e/ou autores de estudo opcional, deixando de existir um currículo único à escala nacional.

Cursos de índole científica», assumem «a análise de texto» como «atividade nuclear do estudo da língua e da literatura portuguesas» (p.1). O programa de índole científica ostenta um *corpus* textual mais reduzido, excluindo o estudo da poesia heroica palaciana. O autor de que nos ocupamos não é afetado – em termos de representatividade da sua obra – pela diminuição da carga horária semanal da disciplina nos *currícula* que não visam a prossecução de estudos na(s) área(s) de Letras. O esquema programático de ambos os documentos – no que respeita ao estudo de Camões – não difere significativamente do(s) anterior(es). Deixam, porém, de integrar o elenco de conteúdos literários os nomes de Sá de Miranda e António Ferreira; os conceitos de classicismo, humanismo e renascimento² deixam de encabeçar a lista de autores e textos a trabalhar com os alunos, passando a configurar um último item do estudo de um primeiro momento da época clássica – assim destacando o estudo do(s) *texto(s)* relativamente ao *contexto*.

Até finais da década de 70 e inícios da seguinte, Camões continuaria a marcar presença no cânone escolar – seja enquanto autor da epopeia nacional seja na qualidade de criador de textos líricos. Em instrumentos reguladores de aprendizagens mais elementares ou em documentos referentes a contextos educativos que antecedem e/ou preparam o ingresso em instituições de ensino superior, o autor detém agora um inquestionado lugar de relevo. *Não cede* a fatores que determinam movimentos de inclusão e exclusão (temporária ou definitiva) no elenco de leituras escolares de autores representativos de um mesmo período literário ou da mesma categoria genológica.

Assim, o **Programa de Português** para a **área de estudos humanísticos**, homologado em **20 de agosto de 1979**, inclui «a análise e interpretação da estrutura» de *Os Lusíadas* de Luís de Camões, assim como de «trechos escolhidos da [sua] criação lírica», respetivamente ilustrativos de duas categorias genológicas distintas em estudo no programa: a «poesia épica» e a «poesia lírica» (p.13). O autor de que nos ocupamos é o único cujos textos ilustram a produção lírica quinhentista. A «análise e interpretação de trechos significativos» de Sá de Miranda e António Ferreira – reassumindo lugar no cânone – far-se-á valorizando a reflexão feita por ambos enquanto «poetas

² Suprime-se a indicação «suas manifestações nas várias artes» que figurava no programa anteriormente analisado (p.21).

teorizadores do classicismo» (p.13). O **Programa de Português (Nuclear)** para o **Ano Propedêutico**, implementado em **1979-1980**, elege unicamente Camões e Gil Vicente como autores representativos do Renascimento. Estuda-se «Camões lírico» e «Camões épico», contemplando-se a leção de *Os Lusíadas* no elenco de obras para leitura obrigatória. Indica-se pela primeira vez os excertos a trabalhar com os alunos, numa ampla seriação – abrangendo todos os Cantos, à exceção do oitavo – que respeita a estrutura (externa) do poema e obedece a uma sequencialização narrativa no interior da mesma. O **Programa de Português para o curso geral**, homologado a **10 de julho de 1980**, prevê o estudo de estâncias selecionadas de *Os Lusíadas* no elenco de textos de leitura obrigatória, antecedendo-o do contacto com «Camões lírico: sonetos, redondilhas e uma canção». Na *introdução* aconselha-se a apresentação de uma «panorâmica literária diacrónica» – conducente à integração de «textos e autores estudados [...] na época e géneros literários respetivos», sublinhando-se que a mesma «relega quaisquer minúcias teóricas» (p.2). Nesta chamada de atenção lemos já algumas *reservas* relativamente à prevalência do modelo estruturalista de análise literária em contexto escolar.

No contexto da **Reforma Curricular de 1989**, entra em vigor um conjunto de programas cujos princípios e orientações básicas foram definidos pela **Lei de Bases do Sistema Educativo** e concretizados no **Decreto-Lei 286/89**. No **Programa de Língua Portuguesa para o ensino básico**, homologado em **1991**, *Os Lusíadas* são estudados no último ano deste ciclo de estudos. Reduz-se todavia significativamente o número de estâncias a analisar. Além de diminuta em relação à apresentada no programa de 1980, a seriação agora apresentada é limitativa em termos de visão global da obra, abrangendo apenas os Cantos I a VI.³ O critério que preside à sua organização é também outro: atende-se em primeiro lugar a planos narrativos que as estâncias selecionadas integram. A inclusão de poemas da *Mensagem* é outra novidade no elenco de leituras obrigatórias, relevando *intertextualidades* na abordagem da epopeia camoniana em contexto escolar. Assim o ilustra o confronto passível de observar no quadro II.

³ Esta redução no elenco de leituras literárias é, aliás, indiciada por uma mudança de nomenclatura na disciplina de que nos temos vindo a ocupar com a entrada em vigor do novo programa homologado em 1991: *Língua Portuguesa*.

Programa de Português – curso geral (1980)	Programa de <i>Língua Portuguesa</i> – curso unificado (1991)
<p>Camões – <i>Os Lusíadas</i></p> <p>Canto I: 1-15, 19-40</p> <p>Canto II: 29 e 30, 33, 108 e 109</p> <p>Canto III: 1, 3-5, 20 e 21, 42-44, 102-106, 118-135</p> <p>Canto IV: 13-19, 28-33, 42-44, 94-104</p> <p>Canto V: 1, 3, 16-22, 31-35, 37-50, 58-60, 81-83</p> <p>Canto VI: 70-84</p> <p>Canto VII: 15, 30 e 31, 78-82</p> <p>Canto IX: 89-95</p> <p>Canto X: 9, 144 e 145, 152, 154-156 (p.6)</p>	<p>Proposição – Canto I – estrofes 1-3</p> <p>Viagem para a Índia</p> <p>Canto II – estrofe 19 – «Início da narração»</p> <p>Canto IV – estrofes 83-89 – «Despedidas em Belém»</p> <p>Canto V – estrofes 39-60 – «O Adamastor»</p> <p>Canto VI – estrofes 70-93 – «Tempestade e chegada à Índia»</p> <p>História de Portugal</p> <p>Canto III – estrofes 119-137 – «Inês de Castro»</p> <p>Canto IV – estrofes 28-45 – «Batalha de Aljubarrota»</p> <p>Mitologia pagã – Canto I – estrofes 20-41– «Concílio dos Deuses no Olimpo»</p> <p>Mensagem (poemas selecionados) de Fernando Pessoa</p> <p>«O Infante»</p> <p>«Horizonte»</p> <p>«O Mostrengo»</p> <p>«Mar Português» (p.10)</p>

Quadro II – Programas de *Português* e de *Língua Portuguesa* (1980 e 1991)

Em contexto escolar do ensino secundário, os **Programas de *Português A e B*⁴ para os cursos gerais e tecnológicos**, aprovados pelo **Despacho 124/ME/91, de 31 de julho**, introduzem modificações no cânone escolar – ditando, designadamente, a abertura dos *currícula* e

⁴ A disciplina de *Português A* integra os *currícula* das áreas de humanidades; a disciplina de *Português B* integra os *currícula* das restantes áreas de estudos implementadas no contexto dos trabalhos de reforma do sistema de ensino em Portugal coordenados por Fraústo da Silva.

da disciplina a um leque mais amplo e diversificado de textos e de obras/autores representativos das literaturas nacional, de língua portuguesa e universal. Em documentos que elegem a classificação genológica dos textos como critério primeiro de arrumação dos conteúdos e estabelecem *temáticas organizadoras das leituras*, Camões é estudado nos três anos constituintes do ensino secundário⁵, figurando num elenco assinalável de autores e textos ilustrativos de duas tipologias textuais: a *narrativa* e a *poesia lírica e satírica*. Assim o mostra o III.

<i>Português A</i>		
10.º ano	11.º ano	12.º ano
Texto narrativo		
. Camões <i>Os Lusíadas</i> (excertos)	. Camões <i>Os Lusíadas</i> (excertos)	. Camões <i>Os Lusíadas</i> (excertos)
Poesia lírica e satírica		
. Camões (pp.37 e 38)	. António Ferreira . Bernardim Ribeiro . Camões (pp.37 e 38) . Diogo Bernardes . Sá de Miranda	. Camões e outros poetas anteriores aos séculos XIX e XX (pp.37 e 38)
<i>Português B</i>		
10º ano	11º ano	12º ano
Narrativa		
. Narrativa épica – Camões	. Narrativa épica – Camões	. Narrativa épica – Camões
Poesia lírica e satírica		
. Camões (p.98)	Século XVI . António Ferreira, Camões, Sá de Miranda (p. 99)	Século XVI . Bernardim Ribeiro, Camões, Sá de Miranda (p. 100)

Quadro III – Programas de *Português A e B* do ensino secundário (1991)

⁵ Camões – épico e lírico – estuda-se nos três anos para ilustração das temáticas «A expressão dos sentimentos» e «A relação com a realidade exterior»; nos dois anos subsequentes em função da temática «O Homem e a Sociedade»; no último ano tendo por referência as temáticas «A reflexão sobre a condição humana» e «A reflexão sobre o mundo» (p.36).

Os *corpora* textuais da disciplina são mais abrangentes relativamente a documentos anteriores. Camões continua a ocupar um lugar de relevo no elenco de leituras metódicas. Na disciplina de *Português A* – excetuando-se o *corpus* textual do 11.º ano – é o único poeta estudado do século XVI (pelo menos a merecer referência explícita no elenco de conteúdos discriminados para lecionação). Na disciplina de *Português B* é o único contemplado nos três anos de escolaridade – assim consolidando uma presença evidenciada no cânone literário escolar, nunca interrompida no conjunto de instrumentos reguladores das práticas letivas no nosso sistema de ensino desde (pelo menos) 1954.

As **Orientações de Gestão dos Programas** (OGP's), publicadas em **julho de 1996**, decorrem do reconhecimento de uma *inexequível* amplitude dos *corpora* textuais anteriores. São constituídas pela seleção de «um núcleo significativo de objetivos e conteúdos» e por «um conjunto de indicações e sugestões metodológicas e/ou de estratégias/atividades [...] a concretizar» (p.1). A ordenação cronológica de autores e obras/textos a trabalhar com os alunos sobrepõe-se – enquanto critério primeiro de arrumação da(s) leitura(s) – a uma organização temática prevalecente desde 1991. Na disciplina de *Português A*, Camões passa a integrar unicamente o elenco de conteúdos programáticos do 11.º ano, com o estudo de textos da «Poesia Lírica» e de excertos de «*Os Lusíadas*» (pp.16 e 17); na disciplina de *Português B*, estuda-se Camões «épico» e «lírico» (pp.6 e 7) no 10.º ano de escolaridade. A atenção concedida a aspetos de enquadramento e contextualização (exteriores ao texto mas *condicionantes* de explorações de sentido mais potenciadas) respeitantes a autores e obras em estudo fica suficientemente ilustrada no quadro seguinte.

Programa de <i>Português A</i> (OGP's)	Programa de <i>Português B</i> (OGP's)
11.º ano	10.º ano
Camões	Camões
A. Poesia Lírica	A – Épico
Conteúdos essenciais:	Conteúdos essenciais:
– temáticas dominantes (amor, saudade, desconcerto do mundo, mudança, “hipertrofia do eu”, ...)	– enquadramento histórico: a Expansão
– idealidade / sensualidade	– contextualização: Humanismo, Renascimento e Classicismo
– correntes tradicional e renascentista	– <i>Os Lusíadas</i> – estrutura (visão

<p>(simbiose)</p> <ul style="list-style-type: none"> – influências petrarquistas – vivências pessoais – maneirismo <p>B. <i>Os Lusíadas</i></p> <p>Conteúdos essenciais:</p> <ul style="list-style-type: none"> – a estrutura – os planos e a sua funcionalidade – a função (e simbolismo) dos diferentes episódios – aspetos renascentistas – valores ideológicos e morais – a função da mitologia – a “contra-epopeia” (pp.16 e 17) 	<p>global)</p> <p>. “A Ilha dos Amores”</p> <ul style="list-style-type: none"> – narração / descrição – jogo de sedução – simbologia – mundividência renascentista – elementos estruturadores do discurso: <ul style="list-style-type: none"> • desenvolvimento temático • recursos estilísticos • ritmo • sonoridades <p>B – Lírico</p> <p>Poesia tradicional</p> <p>Conteúdos essenciais:</p> <ul style="list-style-type: none"> – estruturas tradicionais (mote e versos de redondilha) – temas medievais e tradicionais recuperados – indícios de petrarquismo (pp. 6 e 7)
---	--

Quadro IV – Orientações de Gestão dos Programas (1996)

É menos *ambicioso* – condicionando análises menos aprofundadas de textos selecionados para leitura(s) metódica(s) – o elenco de *conteúdos essenciais* respeitantes a Camões no Programa de *Português B*. Não deixa contudo de integrar as dimensões épica e lírica (ainda que esta apenas contemplada numa vertente tradicional) da sua obra, sem omitir uma seleção criteriosa de aspetos respeitantes a informação cultural e contextual. Principia, neste início da década de 90, uma *revitalização* da história literária nos *currícula* escolares. Não se retoma porém o *paradigma historicista* por que conformavam programas de décadas mais recuadas. A tónica é antes colocada no desenvolvimento de competências e destrezas comunicativas que tornem o aluno apto para a compreensão e a produção de diferentes textos – anunciando assim uma *mudança de paradigma* por que se haveriam de conformar (mais visivelmente) programas vindouros.

Os ajustamentos nos **Programas de Português A e B**, em janeiro de 1997, reduzem o elenco de leituras literárias em contexto escolar. As alterações introduzidas por ambos os documentos não afetam (mais uma vez) a presença de Camões no cânone. A sua obra continua a ser

estudada nas dimensões épica e lírica, integrando o *corpus* textual previsto para «leitura metódica e obrigatória» no 10.º ano de escolaridade – quer na disciplina de *Português A*⁶ quer na disciplina de *Português B*. Os tópicos sugeridos para análise – aquando do estudo de textos líricos e de *Os Lusíadas* – são os mesmos nos dois programas. Não diferem significativamente dos elencados nas OGP's de 1996 – excetuando o facto de explicitamente se afirmar a obrigatoriedade da análise de «redondilhas, sonetos e uma canção» para ilustração da poesia lírica, na disciplina de *Português A*, e o facto de a «leitura de excertos mais significativos» de *Os Lusíadas* já não se centrar no estudo de um episódio – “A Ilha dos Amores” –, na disciplina de *Português B*. Confirma-se nestes ajustamentos de 1997 a legitimidade de considerações acima tecidas sobre o facto de a história literária vir progressivamente (*re*)afirmando um espaço que não possuía em programas conformados pelo *paradigma imanentista* dos anos 70: «Todos os autores/obras/textos deverão ser integrados no respetivo contexto histórico, social, cultural.». Mobilizar-se-ão para tal «textos não-literários, de diferentes tipologias textuais (textos de História, de história da cultura, de crítica literária, biografias, etc.) que façam interagir com os textos literários» (p.45). Não obstante o exposto, a sua leitura em sala de aula deixa de servir o propósito de um estudo meticulosamente ordenado e sequencializado de distintos períodos da nossa história literária; não visa igualmente análises privilegiadamente teoricistas que desvirtuam perspetivas historicistas; nesta década de 90 privilegia-se no estudo dos textos a sua dimensão pragmática ou comunicativa. Um novo paradigma se impõe: o *paradigma comunicacional*.

Os programas surgidos no contexto da **Revisão Curricular de 2001** introduzem alterações nos *currícula* e motivam a discussão em torno de funções, potencialidades e até prioridades da educação literária. Configurando-se (pela primeira vez no nosso sistema de ensino) enquanto área curricular *autónoma*, que não divide o seu espaço letivo com o ensino da língua materna, a disciplina de *Literatura Portuguesa*⁷ sobressai como uma «novidade» (p.2) no plano de estudos de nível secundário. O **Programa** desta disciplina, homologado em **março de 2001**, estabelece o estudo de Camões num

⁶ Nas OGP's de 1996 Camões integrava o elenco de conteúdos a lecionar no 11.º ano.

⁷ Disciplina «do tronco comum da Formação Específica do Curso Geral de Línguas e Literaturas, nos 10.º e 11.º anos» (p.1).

módulo intitulado «Classicismo, Neo-Classicismo e Pré-Romantismo» – unicamente ao lado de Bocage, em representação da «poesia» –, integrando o elenco de conteúdos a abordar no 10.º ano. Do autor em estudo, analisar-se-ão «redondilhas, sonetos e uma canção» (p.11). Não é contemplada – pela primeira vez, desde 1954 – a dimensão épica da sua obra num instrumento regulador de aprendizagens neste patamar de ensino. O **Programa de Língua Portuguesa**⁸, homologado em **maio de 2001** (para o 10.º ano) e em **março de 2002** (para os 11.º e 12.º anos), prevê o estudo de Camões nos 10.º e 12.º anos de escolaridade, mediante a leitura de poemas líricos e de excertos de *Os Lusíadas*, respetivamente enquanto ilustração – no âmbito da *leitura literária* – de distintas tipologias textuais em estudo: a dos *textos de caráter autobiográfico* e a dos *textos épicos*. É o que podemos observar no quadro V.

10.º ano	12.º ano
<p>Textos de caráter autobiográfico</p> <ul style="list-style-type: none"> – memórias, diários, cartas (...) – Leitura literária: textos literários de caráter autobiográfico •Camões lírico – aspetos gerais da poesia de Camões – reflexão do eu lírico sobre a sua própria vida (p.36) 	<p>Textos épicos e lírico-épicos</p> <p>Camões e Pessoa: <i>Os Lusíadas</i> e Mensagem</p> <ul style="list-style-type: none"> •<i>Os Lusíadas</i> – visão global – mitificação do herói – reflexões do Poeta: críticas e conselhos aos Portugueses •<i>Mensagem</i> – estrutura e valores simbólicos – o sebastianismo e o mito do Quinto Império – relação intertextual com <i>Os Lusíadas</i> (p.46)

Quadro V – Programa de Língua Portuguesa do ensino secundário (2001/02)

A seriação e a arrumação de conteúdos apresentadas neste quadro são conformes a uma disciplina que visa «a aquisição de um corpo de conhecimentos e o desenvolvimento de competências que capacitem os jovens para a reflexão e o uso da língua materna» (p.2).

⁸ Disciplina «da formação geral comum aos cursos gerais e tecnológicos do ensino secundário que abrange os três anos do ciclo» (p.2).

O estudo dos «autores/textos de reconhecido mérito literário» não se exclui, por conseguinte, do documento em estudo, mas é sentida a necessidade da indicação seguinte: «Deve fazer-se a análise e estudo de textos literários, assim como de outros de diversa natureza com valor educativo e formativo.» (p.3). A leitura literária perde o lugar de relevo que detinha nos *corpora* textuais de programas vigentes até esta data, estudando-se meramente *a par* de uma vasta panóplia de tipologias textuais e discursivas que passa a ter lugar nos *currícula*. Perde também representatividade – sendo agora visivelmente mais reduzido o conjunto de nomes e títulos que figuram nos mesmos. Além de Camões, estudam-se alguns poetas contemporâneos no 10.^o ano; nos anos subsequentes apenas Cesário e Pessoa figurarão no elenco de leituras metódicas, respetivamente nos 11.^o e 12.^o anos. O **Programa de *Clássicos da Literatura***⁹, homologado em maio de 2004, integra Camões e a sua obra no conjunto de «textos e autores selecionados para leitura obrigatória» no âmbito de uma unidade (didática) intitulada «*Utopia/Viagem*» (p.6). Cumprindo-se as disposições constantes neste documento, estudar-se-ão «excertos de *Os Lusíadas*» – selecionando-se estâncias do Canto X passíveis de ilustrar «a grande máquina do mundo» (p.15) – e «excertos de *A Utopia*, de Tomás Morus» **ou** «excertos de *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift», «excertos de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto» e «excertos de *Portugal visto por um inglês*, de William Beckford» (p.7). No entanto, o desenvolvimento de uma «competência literária» nos nossos jovens, que requer a «análise orientada, metódica e sistemática de textos literários considerados canónicos» (p.4) – como de modo muito pertinente se nota na *apresentação* deste documento – parece ter sido relegada, no contexto da revisão curricular a que nos reportamos, para disciplinas de opção. Lamentavelmente, a disciplina de *Clássicos da Literatura* não passou de um *projeto* promissor que (quase) não se concretizou em termos práticos. A larga maioria dos jovens portugueses termina neste período os seus estudos de nível secundário tendo unicamente frequentado a disciplina de *Língua Portuguesa*.¹⁰

⁹ Disciplina de opção «por oferta dependente do projeto educativo da escola, anual, integrando a componente de formação específica dos cursos científico-humanísticos no 12.^o ano» (p.2).

¹⁰ Um projeto de investigação anterior permitiu o acesso a dados mais precisos sobre esta matéria (Correia, 2010).

Seriam os mais recentes **Programas de Português para os ensinos básico e secundário**, homologados, respetivamente, em **março de 2009** e em **janeiro de 2014**, a determinar uma (re)valorização do papel da literatura na educação de adolescentes e jovens. Ampliam-se os *corpora* de leituras literárias a trabalhar com os alunos em sala de aula. (Re)assumem o seu lugar no cânone e/ou readquirem (maior) representatividade nos programas autores e obras que dos mesmos haviam sido excluídos. Com uma arrumação distinta no elenco de leituras literárias, refiram-se, por exemplo, criadores de poesia trovadoresca, Antero ou poetas contemporâneos nos *curricula* de nível secundário.

Em contexto escolar do **ensino básico**, *Os Lusíadas* integram «o conjunto de textos a selecionar para atividades ou projetos de leitura na aula», no 9.º ano de escolaridade, marcando presença num *corpus* que se considera «indispensável incluir no Projeto Curricular de Turma (anual)» (pp.137 e 138). Elegem-se como «referenciais mínimos» dessa(s) leitura(s) alguns «passos do poema narrativo» camoniano, «com particular incidência» nos episódios e estâncias que figuram no quadro VI.

- Canto I – estâncias 1 a 3: Proposição
- Narração (1): Viagem para a Índia
 - Canto I – estâncias 19-41: Concílio dos Deuses
 - Canto IV – estâncias 84-93: Despedidas em Belém
 - Canto V – estâncias 39-60: O Adamastor
 - Canto VI – estâncias 70-94: Tempestade e chegada à Índia
- Narração (2): História de Portugal
 - Canto III – estâncias 118-135: Inês de Castro
- Canto X – estâncias 142-144: despedida de Tétis e regresso a Portugal; 145-146/154-156: lamentações, exortação a D. Sebastião e referência a futuras glórias (p.138)

Quadro VI – Programa de Português do ensino básico (2009)

Esta apresentação de conteúdos é antecedida de uma nota que releva a importância de um «trabalho de contextualização» acompanhando a sua lecionação. Sublinhara-se já o facto de os critérios de seleção dos excertos textuais (que a leitura analítica quase sempre elege como objeto de estudo) deverem «assegurar a inteligibilidade dos sentidos fundamentais do texto», promovendo para

tal «adequados procedimentos de contextualização, por forma a permitir um percurso pertinente e eficaz» (p.136).

Sem deixar de se atender a critérios respeitantes às estruturas interna e externa de *Os Lusíadas*, preside agora à seriação – e respetiva (re)ordenação – de conteúdos um novo princípio: o do respeito pela *progressão narrativa*, por um evoluir da urdidura da trama, intentando permitir ao aluno uma perceção tão clara quanto possível desse *fio condutor* que, não obstante interrupções de distinta ordem e funcionalidade, une os sucessivos excertos textuais analisados em aula e sustenta toda a tessitura da obra. Assim entendemos a antecipação da lecionação do episódio do Concílio dos Deuses, no Canto I – que o programa de 1991 previa finalizando o elenco de conteúdos a abordar, ilustrando o plano da mitologia pagã¹¹ – para um momento imediatamente subsequente ao estudo da estância dezanove, marcando o início da ação central. A inclusão do Canto X no elenco de leituras obrigatórias vem justamente suprir, quanto a nós, essa *lacuna* existente no programa de 1991 em termos de visão global do poema camoniano: por um lado, convoca a leitura das estâncias que funcionam como conclusão ou desfecho da narração da viagem do Gama à Índia (cujo início e cujo desenrolar as estâncias selecionadas foram dando a conhecer ao aluno); por outro lado, promove o contacto com os versos finais do canto, incidentes em *reflexões* ou *considerações* do poeta – integrando um (outro) plano narrativo não contemplado anteriormente. A supressão de poemas selecionados da *Mensagem* de Fernando Pessoa nesta nova seriação de conteúdos deixa subentendidas *reservas* relativamente à pertinência ou justificação de um tal *diálogo* (inter)textual.

Em contexto escolar do **ensino secundário**, Camões integra o elenco de conteúdos programáticos no domínio da **Educação Literária** previsto para lecionação no 10.º ano de escolaridade. *Rimas* e *Os Lusíadas* são, respetivamente, o quarto e o quinto itens numa seleção de autores e obras que segue – em termos de seriação e arrumação – critérios de ordenação cronológica. Atenemos no quadro VII.

¹¹ Ver quadro II (p. 6).

<p>Luís de Camões, <i>Rimas</i></p> <p>Redondilhas (escolher 4)</p> <p>Sonetos (escolher 8)</p>	<p>Contextualização histórico-literária</p> <p>A representação da amada.</p> <p>A representação da Natureza.</p> <p>A experiência amorosa e a reflexão sobre o Amor.</p> <p>A reflexão sobre a vida pessoal.</p> <p>O tema do desconcerto.</p> <p>O tema da mudança.</p> <p>Linguagem, estilo e estrutura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - a lírica tradicional; - a inspiração clássica; - discurso pessoal e marcas de identidade; - soneto: características; - métrica (redondilha e decassílabo), rima e esquema rimático; - recursos expressivos: a aliteração, a anáfora, a antítese, a apóstrofe e a metáfora.
<p>Luís de Camões, <i>Os Lusíadas</i>:</p> <ul style="list-style-type: none"> - visão global; - a constituição da matéria épica: canto I, ests 1 a 18; canto IX – ests 52, 53, 66 a 70, 89 a 95; canto X, ests 75 a 91; - reflexões do poeta: canto I, ests. 105 e 106; canto V, ests 92 a 100; canto VII, ests 78 a 87; canto VIII, ests 96 a 99; canto IX, ests 88 a 95; canto X, ests 145 a 156. (p.14) 	<p>Imaginário épico:</p> <ul style="list-style-type: none"> - matéria épica: feitos históricos e viagem; - sublimidade do canto; - mitificação do herói. <p>Reflexões do poeta.</p> <p>Linguagem, estilo e estrutura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - a epopeia: natureza e estrutura da obra; - o conteúdo de cada canto; - os quatro planos: viagem, mitologia, História de Portugal e reflexões do poeta. Sua interdependência; - estrofe e métrica; - recursos expressivos: a anáfora, a anástrofe, a apóstrofe, a comparação, a enumeração, a hipérbole, a interrogação retórica, a metáfora, a metonímia e a personificação. (p.14)

Quadro VII – Programa de *Português* do ensino secundário (2014)

Chamamos a atenção para a lecionação de *Os Lusíadas* num patamar de escolaridade imediatamente subsequente àquele em que tem lugar um primeiro contacto dos nossos jovens com a epopeia

camoniana, configurando-se assim como o momento oportuno para dar continuidade a leituras (ainda) *incipientes* do ensino básico e transformando-as em leituras mais conscientemente *refletidas* – expectáveis e permitidas por um gradual processo de maturação (afetiva, intelectual e/ou estética) dos jovens frequentadores do ensino secundário. Destacamos igualmente a opção pela sua leção em rubrica isolada, traduzindo um reconhecimento implícito da *fragilidade* de (questionáveis) potencialidades pedagógicas da sua leitura em intertextualidade com a obra *Mensagem* de Fernando Pessoa.¹² A inclusão de um poema quinhentista num elenco de autores e textos do século XX¹³ parece-nos, aliás, encontrar a sua única justificação nesse *diálogo* entre a epopeia camoniana e o poema lírico-épico pessoano – perspetivados enquanto exemplificação de tipologias textuais distintas com uma matéria (épica) comum. O facto de *Os Lusíadas* deixarem de *partilhar* o espaço de leção com a *Mensagem ampliada* e (sobretudo) potenciará leituras reveladoras do seu real valor literário e densidade cultural. É para um conhecimento mais aprofundado da obra camoniana que aponta a nova seriação de conteúdos programáticos – abrangendo *perspetivas* de análise que não a *esgotam* na sua dimensão de enunciado linguístico e antes a *(re)valorizam também* na sua condição de artefacto estético, produto cultural e criação artística que convida a leituras *plurissignificativas* (ora beneficiando de informação contextual ajustada que a inscreve no *tempo* e clarifica o seu entendimento, ora relevando *intemporalidades* da mensagem...).

3. Considerações finais

A investigação levada a cabo permite constatar que Luís de Camões é presença *assídua* no cânone literário escolar. A representatividade da sua obra não se alheia, porém, de critérios que, em igual período, determinam a seriação e a ordenação de conteúdos nos programas vigentes no nosso sistema de ensino desde a publicação do Programa Oficial de *Português*, homologado em 7 de setembro de 1954, até à homologação dos novos Programas de *Português* para os ensinos básicos e secundário vindos a lume, respetivamente, em março de 2009 e janeiro de 2014. Com efeito, em

¹² Leia-se o texto de Osvaldo Silvestre *“Mensagens e mensagens Ld.^a. Uma leitura (também) pós-colonial da Mensagem de Fernando Pessoa”* (2002).

¹³ Ver quadro V (p.12).

programas de décadas mais recuadas (50 e 60), conformados por um *paradigma historicista* e reproduzindo quase fielmente os índices das Histórias Literárias da época, Camões tem lugar nos programas – ao lado de outros autores coevos – em representação do lirismo num primeiro momento da época clássica. O enquadramento histórico e periodológico constituía o critério primeiro de organização de autores e obras a estudar em elencos de conteúdos programáticos que – não indo além das criações literárias oitocentistas – evidenciavam uma seriação meticulosa (quase exaustiva) de sucessivos momentos, períodos e épocas da nossa história literária. Em programas de décadas subsequentes (70 e 80), elaborados sob a influência de teorias formalistas e estruturalistas que relevam a materialidade dos textos e submetem a sua análise a um *paradigma imanentista*, os poemas de Camões arrumam-se em função das respetivas classificações genológicas: a *épica* e a *lírica*. No início da década de 90, num muito mais abrangente e diversificado *corpus* textual a trabalhar com os alunos na aula de *Português* – aliando as perspetivas sincrónica e diacrónica no ensino da literatura –, estudam-se excertos da obra camoniana em diferentes momentos e/ou em sucessivos anos de escolaridade do mesmo ciclo de estudos – subordinando a sua análise a *temáticas organizadoras das leituras* escolares. Assim era anunciada uma nova mudança de *paradigma* na conformação dos instrumentos reguladores de aprendizagens nos ensinos básico e secundário. Não se faria esperar muito tempo a admissão da inxequibilidade de uma excessiva *abertura* e amplitude dos *corpora* textuais na disciplina. Orientações e ajustamentos efetuados nos programas, respetivamente em 1996 e 1997 – num momento de clara *revitalização* da história literária em contexto escolar –, determinariam que a obra de Camões (e restantes autores) se apresentasse num elenco de conteúdos (*essenciais*) privilegiando critérios de ordenação cronológica. Novas (e mais significativas) mudanças seriam introduzidas no ensino da língua materna e da literatura portuguesa decorrentes da implementação de programas – homologados no contexto da Revisão Curricular de 2001 – visivelmente conformados por um *paradigma comunicacional e linguístico*. A(s) leitura(s) literária(s) – e os textos do autor de que nos ocupamos não são exceção – passariam a figurar nestes documentos *a par* com as restantes leituras a realizar em sala de aula para uma exemplificação mais cabal de distintas tipologias textuais em estudo (agora, inequivocamente, eleitas e destacadas enquanto critério primeiro de seriação e organização de conteúdos no programa de uma

disciplina que coloca a ênfase no propósito de fazer do aluno *um bom utilizador da língua*). Instituído um novo domínio estruturador das aprendizagens na disciplina de *Português* – seja em contexto escolar do ensino básico seja em contexto escolar do ensino secundário –, intitulado *Educação Literária*, os mais recentes documentos vindos a lume em 2009 e 2014 restituíam um lugar de relevo a obras e textos canónicos (originais e/ou em criteriosas adaptações para jovens) nos respetivos *corpora* textuais. Excertos de *Os Lusíadas* estudam-se hoje em rubrica própria nos ensinos básico e secundário; textos selecionados das *Rimas* precedem o seu estudo em contexto escolar do ensino secundário – uns e outros integrando um elenco de conteúdos apontando para leituras que exploram e relevam saberes de ordem linguística, literária e cultural (numa perspetiva de *integração* que potencia a exploração de *sentidos* das mesmas).

Não obstante o exposto, é um facto indesmentível que Camões *persiste* (quase *incólume*) no cânone quando outros deixam de ter lugar no mesmo – cedendo mais facilmente a pressupostos e políticas educativas que condicionam a elaboração dos programas e leitura(s) escolares. Teremos de ler esta *permanência* inquestionada nos *corpora* dos documentos analisados – desde 1954 até à atualidade – como um testemunho inequívoco do seu reconhecido mérito literário. Com efeito, nesse *continuum* temporal em que fizemos incidir a nossa investigação, a presença de Camões no cânone nunca é *interrompida* ou *suspensa* – seja por programas que reclamam lugar para *perspetivas literárias contemporâneas*, seja por documentos que *abrem* a disciplina à pluralidade dos discursos e à diversidade dos textos (*nivelando-os* ou não com os literários), seja por instrumentos reguladores de práticas letivas que reclamam espaço para o ensino da língua e/ou para o desenvolvimento de destrezas comunicativas em detrimento de competências literárias, instigando um (*re*)pensar de funções e virtualidades pedagógicas da leitura sistemática e orientada dos grandes autores em contexto escolar... Assiste-se todavia hoje no nosso sistema de ensino a uma reconfiguração do cânone escolar que amplia as possibilidades de formar leitores competentes e assíduos *na sala de aula, fora dela e para além* do(s) tempo(s) da escola... Os bons autores e as grandes obras que lemos na juventude convidarão sempre a *revisitações* futuras e a fruções estéticas só permitidas pela maturação atingida com a idade adulta; paralelamente ambas se alicerçam em primeiros contactos sólidos havidos com tais obras e tais

autores.¹⁴ A escola configura-se como o espaço e o momento oportunos para a sua concretização – desde que assuma a educação literária como uma das suas *funções* prioritárias na formação pessoal e cívica do aluno.¹⁵ O desenvolvimento de competências literárias é um processo gradual até culminar na construção de leitores autónomos e aptos para se embrenharem – por *sua conta e risco* – em abordagens progressivamente mais exigentes em termos de complexidade e/ou densidade cultural. Acreditamos que Luís de Camões sempre terá lugar nesta(s) leitura(s)...

Bibliografia

- Bernardes (2009): José Cardoso Bernardes, *“Eduardo Lourenço, Camões e o poder da literatura”*, *Colóquio/Letras*, 171, pp.119-132.
- Bernardes e Mateus (2013): José Cardoso Bernardes e Rui Afonso Mateus, *Literatura e ensino do Português*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Buescu (2011): Helena Buescu, *“Literatura, cânone e ensino”*, *Revista de Estudos Literários*, 1, pp.59-83;
- Buescu (2014): Helena Buescu *et al*, *Programa de Português do Ensino Secundário*, Lisboa, MEC.
- Coelho (2001): Maria da Conceição Coelho [coord.], *Programa de Literatura Portuguesa do Curso Geral de Línguas e Literaturas*, Lisboa, ME;
- Coelho (2002): Maria da Conceição Coelho [coord.], *Programa de Língua Portuguesa dos Cursos Gerais e Tecnológicos do Ensino Secundário*, Lisboa, ME.
- Correia (2010): Amélia Maria Loureiro, *(Re)Pensar a Literatura na Escola do Século XXI*, Dissertação de 3.º ciclo apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Droit (2011): Roger-Pol Droit, *Voltar a ler os clássicos*, Lisboa, Temas e Debates/Círculo de Leitores.
- Duarte (2005): Isabel Margarida Duarte, *“É possível ler Os Lusíadas no Ensino Básico”*, separata de *Gramática e humanismo. Atas do*

¹⁴ Sobre a pertinência deste(s) *primeiro(s) contacto(s)*, veja-se Ana Maria Machado (2002).

¹⁵ Sobre a recuperação da literatura nos *curricula*, veja-se Bernardes e Mateus (2013).

- Colóquio de homenagem a Amadeu Torres*, II, Braga, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, pp.361-377.
- Lima (2004): Isabel Pires de Lima, *Programa de Clássicos da Literatura*, Lisboa, ME.
- Machado (2002): Ana Maria Machado, *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*, Rio de Janeiro, Objetiva.
- Orientações de Gestão dos Programas de Português A e B*, Lisboa, ME [1996].
- Programa de Língua Portuguesa do Ensino Básico*, Lisboa, ME [1991].
- Programa de Literatura Portuguesa. 12.º ano. Via de ensino*, Lisboa, MEIC [1980].
- Programa de Português A e B dos Cursos Gerais e Tecnológicos do Ensino Secundário*, Lisboa, ME [1991 e 1997].
- Programa de Português do Curso Complementar da Área de Estudos Humanísticos*, Lisboa, MEIC [1979].
- Programa de Português do Curso Geral Unificado*, Lisboa, ME [1980].
- Programa de Português dos Cursos Geral e Complementar*, Lisboa, MEC [1974].
- Programa de Português (índole literária e científica) do Curso Complementar*, Lisboa, MEC [1977].
- Programa de Português Nuclear do Ano Propedêutico* (1979), Lisboa, MEIC [1979].
- Programa Oficial de Português do Ensino Liceal*, Lisboa, MEN [1954].
- Reis (2009): Carlos Reis [coord.], *Programa de Português do Ensino Básico*, Lisboa, ME.
- Silva (2010): Vítor Manuel Aguiar e Silva, *As humanidades, os estudos culturais, o ensino da literatura e a política de língua portuguesa*, Coimbra, Almedina.
- Silvestre (2002): Osvaldo Silvestre, "Mensagens e massagens Ld.^a. Uma leitura (também) pós-colonial da Mensagem de Fernando Pessoa", in II Jornadas Científico-Pedagógicas de Português, pp.55-66.